



MOBILIDADE ACADÊMICA 2015

13 de março de 2016

BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: _____ Nº de Inscrição: _____

ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

Cinema e Audiovisual; Comunicação Social (Jornalismo; Publicidade e Propaganda); Letras (Libras e Português L2; Língua Alemã; Língua Espanhola; Língua Francesa; Língua Inglesa e Língua Portuguesa) e Museologia.

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTES.

- 1 Este **Boletim de Questões** contém 40 questões objetivas, sendo 10 questões de **Língua Portuguesa**, 10 de **Literatura**, 10 de **Filosofia** e 10 de **História**.
- 2 Confira se, além deste boletim, você recebeu o **Cartão-Resposta**, destinado à marcação das respostas das questões.
- 3 Verifique se o seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no **Cartão-Resposta**. Em caso de divergência, notifique imediatamente o fiscal de sala.
- 4 É imprescindível que você marque as respostas das questões de múltipla escolha no Cartão-Resposta com **caneta esferográfica de tinta preta ou azul**, sob pena da impossibilidade de leitura óptica. Na marcação do Cartão-Resposta, você **não** deverá, **sob pena de ter a questão anulada**, utilizar lápis (grafite) e/ou corretivo de qualquer espécie.
- 5 Uma vez entregue pelo fiscal de sala, o Cartão-Resposta é de inteira responsabilidade do candidato e não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo, sob pena de o candidato arcar com os prejuízos advindos da impossibilidade de realização da leitura óptica.
- 6 O Cartão-Resposta só será substituído se nele for constatado erro de impressão.
- 7 Do Cartão-Resposta não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com mais de uma alternativa marcada e/ou com marcação feita com caneta de cor e material diferentes daqueles que constam no item 4.
- 8 O tempo disponível para esta prova é de **três horas**, com início **às 14 horas e término às 17 horas**, observado o horário de Belém/PA.
- 9 Os rascunhos e as marcações assinaladas no **Boletim de Questões** não serão considerados na avaliação.
- 10 Ao terminar a prova, você deverá devolver ao fiscal de sala todo o material acima especificado e assinar a lista de presença.
- 11 Após às 16h30min você pode solicitar ao fiscal levar este **Boletim de Questões**.



LÍNGUA PORTUGUESA

Ostra feliz não faz pérola

1 Ostras são moluscos, animais sem esqueleto, macias, que representam as delícias dos
2 gastrônomos. Podem ser comidas cruas, com pingos de limão, com arroz, *paellas*, sopas. Sem
3 defesas – são animais mansos – , seriam uma presa fácil dos predadores. Para que isso não
4 acontecesse, a sua sabedoria as ensinou a fazer casas, conchas duras, dentro das quais vivem. Pois
5 havia num fundo de mar uma colônia de ostras, muitas ostras. Eram ostras felizes. Sabia-se que eram
6 ostras felizes porque de dentro de suas conchas saía uma delicada melodia, música aquática, como se
7 fosse um canto gregoriano, todas cantando a mesma música. Com uma exceção: de uma ostra solitária
8 que fazia um solo solitário. Diferente da alegre música aquática, ela cantava um canto muito triste. As
9 ostras felizes se riam dela e diziam: “Ela não sai da sua depressão...”. Não era depressão. Era dor. Pois
10 um grão de areia havia entrado dentro da sua carne e doía, doía, doía. E ela não tinha jeito de se livrar
11 dele, do grão de areia. Mas era possível livrar-se da dor. O seu corpo sabia que, para livrar-se da dor
12 que o grão de areia lhe provocava, em virtude de suas asperezas, arestas e pontas, bastava envolvê-lo
13 com uma substância lisa, brilhante e redonda. Assim, enquanto cantava seu canto triste, o seu corpo
14 fazia o trabalho – por causa da dor que o grão de areia lhe causava. Um dia, passou por ali um pescador
15 com o seu barco. Lançou a rede e toda a colônia de ostras, inclusive a sofredora, foi pescada. O
16 pescador se alegrou, levou-as para casa e sua mulher fez uma deliciosa sopa de ostras. Deliciando-se
17 com as ostras, de repente seus dentes bateram num objeto duro que estava dentro de uma ostra. Ele o
18 tomou nos dedos e sorriu de felicidade: era uma pérola, uma linda pérola. Apenas a ostra sofredora
19 fizera uma pérola. Ele a tomou e deu-a de presente para a sua esposa.

20 Isso é verdade para as ostras. E é verdade para os seres humanos. No seu ensaio sobre *O*
21 *nascimento da tragédia grega a partir do espírito da música*, Nietzsche observou que os gregos, por
22 oposição aos cristãos, levavam a tragédia a sério. Tragédia era tragédia. Não existia para eles, como
23 existia para os cristãos, um céu onde a tragédia seria transformada em comédia. Ele se perguntou então
24 das razões por que os gregos, sendo dominados por esse sentimento trágico da vida, não sucumbiram
25 ao pessimismo. A resposta que encontrou foi a mesma da ostra que faz uma pérola: eles não se
26 entregaram ao pessimismo porque foram capazes de transformar a tragédia em beleza. A beleza não
27 elimina a tragédia, mas a torna suportável. A felicidade é um dom que deve ser simplesmente gozado.
28 Ela se basta. Mas ela não cria. Não produz pérolas. São os que sofrem que produzem a beleza, para
29 parar de sofrer. Esses são os artistas. Beethoven – como é possível que um homem completamente
30 surdo, no fim da vida, tenha produzido uma obra que canta a alegria? Van Gogh, Cecília Meireles,
31 Fernando Pessoa...

(ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Planeta, 2014)

- 1 Na primeira parte do texto, é narrada a estória das *ostras felizes*. Essa narrativa apresenta a ideia central do texto que é a(o)
- (A) transformação do sofrimento em beleza.
 - (B) felicidade como fonte de toda criação.
 - (C) beleza como forma de eliminação da tragédia.
 - (D) fabricação de pérolas pelas ostras.
 - (E) pessimismo e a tragédia entre os gregos.
- 2 No trecho “Sem defesas – são animais mansos – , seriam uma presa fácil dos predadores.” (linhas 2 e 3), o verbo *ser* foi empregado no *futuro do pretérito* porque se refere a(ao)
- (A) um fato que ocorrerá no futuro.
 - (B) um fato cuja realização está condicionada a outro.
 - (C) um fato que ocorreu depois de outro no passado.
 - (D) fato de todo animal manso virar presa.
 - (E) uma situação que jamais ocorrerá.



- 3 O trecho “Assim, enquanto cantava seu canto triste, o seu corpo fazia o trabalho...” (linhas 13 e 14) apresenta dois acontecimentos que ocorrem simultaneamente. Essa simultaneidade é indicada pelo emprego da palavra
- (A) assim.
 - (B) seu.
 - (C) enquanto.
 - (D) canto.
 - (E) trabalho.
- 4 A palavra *paellas* (linha 2) foi destacada no texto e esse destaque se dá em decorrência de essa palavra
- (A) designar um prato apreciado na gastronomia.
 - (B) ter um significado passível de dupla interpretação.
 - (C) ser o nome de um prato feito com ostras.
 - (D) ser de origem estrangeira.
 - (E) designar um prato pouco agradável ao paladar.
- 5 Em “Para que isso não acontecesse, ...” (linhas 3 e 4), a expressão *para que* confere ao texto o sentido de
- (A) causalidade.
 - (B) finalidade.
 - (C) consequência.
 - (D) temporalidade
 - (E) condição.
- 6 A forma verbal *havia entrado*, no trecho “Pois um grão de areia havia entrado dentro da sua carne e doía, doía, doía.” (linhas 9 e 10) foi empregada para indicar que
- (A) o fato ocorreu sem que a ostra pudesse evitar.
 - (B) a entrada do grão de areia ocorreu antes do canto triste da ostra.
 - (C) não importa em que momento o grão de areia entrou na concha.
 - (D) a entrada do grão de areia na concha provocava imensa dor.
 - (E) a entrada do grão de areia na concha é um fato irreversível.
- 7 Os dois-pontos (:) é um sinal de pontuação empregado várias vezes no texto. Nos trechos “Com uma exceção: de uma ostra solitária que fazia um solo solitário.” (linhas 7 e 8) e “As ostras felizes se riam dela e diziam: “Ela não sai da sua depressão...”. “(linhas 8 e 9), esse sinal foi empregado para introduzir respectivamente um(uma)
- (A) explicação e um discurso direto.
 - (B) explicação e uma enumeração de ideias.
 - (C) discurso direto e uma explicação.
 - (D) discurso direto e um discurso indireto.
 - (E) enumeração de ideias e uma explicação.
- 8 A palavra *ensaio*, no trecho “No seu ensaio sobre *O nascimento da tragédia grega a partir do espírito da música,...*” (linhas 20 e 21), deve ser entendida como
- (A) treino feito com o objetivo de se preparar para uma atuação.
 - (B) preparo ou início de um gesto ou de uma ação que não se completa.
 - (C) teste em que se avaliam as propriedades, a qualidade ou a maneira de usar algo.
 - (D) texto em que se expõem ideias críticas e reflexões filosóficas sobre um tema.
 - (E) espécie de tubo onde se fazem experimentos para avaliar as propriedades de algo.



- 9 O trecho “Isso é verdade para as ostras. E é verdade para os seres humanos.” (linha 20)
- (A) faz referência ao fato de ostras e seres humanos serem alvo de predadores.
 - (B) chama a atenção para o fato de que tragédias são comuns a ostras e homens.
 - (C) articula as duas partes do texto em torno da ideia central que o fundamenta.
 - (D) ressalta o fato de que os humanos, assim como as ostras, são animais mansos.
 - (E) argumenta que ostras e seres humanos são bons fabricantes de pérolas.
- 10 É correto afirmar que o texto de Rubem Alves caracteriza-se como um(uma)
- (A) ensaio sobre as possibilidades e propriedades culinárias das ostras.
 - (B) dissertação cujo tema é: as ostras e o processo de fabricação de pérolas.
 - (C) reflexão filosófica sobre o nascimento da tragédia entre os gregos.
 - (D) discussão acerca do pensamento de Nietzsche em relação ao cristianismo.
 - (E) reflexão filosófica sobre a capacidade humana de sublimar o sofrimento transformando-o em arte.

LITERATURA

- 11 Na cantiga de amigo galego-portuguesa, a natureza, em muitos casos, revela-se como amiga e confidente do sujeito poético, como no trecho transcrito:
- (A) “Falei n’outro dia con mia [minha] senhor / e dixei-lh’ o mui grand’ amor que lh’ ei [tenho]/ e quantas coitas [dores] por ela levei [senti] / e quant’ afan sofro por seu amor.” (Airas Nunes).
 - (B) “Ben entendi, meu amigo, / que mui gram [grande] pesar houvestes, / quando falar nom podestes vós noutra dia comigo.” (Dom Dinis).
 - (C) “Amigos, non poss’ eu negar / a gran coita [dor] que d’amor ei [tenho], ca [pois] me vejo sandeu andar, / e con sandeço o direi.” (João Garcia de Guilhade).
 - (D) “Ondas do mar de Vigo, / se vistes meu amigo! / e ai Deus, se verrá [virá] cedo!” (Martim Codax).
 - (E) “Foi-s’ o meu amigo d’aqui / na hoste, por [para] el-rei servir, / e nunca eu depois dormir / pudi [pude], mais [mas] bem tenh’ eu assi / que, pois m’el tarda e non ven, / el-rei o faz que mi-o [me o] deten.”(Pero da Ponte).
- 12 Na lírica amorosa de Gregório de Matos (c. 1633-1696), há elementos tradicionais, como a descrição da beleza da amada, como se pode constatar no seguinte trecho:
- (A) “Na flor da idade a morte te rendeste, / No melhor dos teus anos acabaste, / Porém se por caduca esta deixaste, / Eterna vida com razão quiseste.”
 - (B) “Aquele não sei quê, que Inês te assiste / No gentil corpo, na graciosa face, / Não sei donde te nasce, ou não te nasce, / Não sei, onde consiste, ou não consiste.”
 - (C) “Venho, Madre de Deus, ao Vosso monte, / E reverente em vosso altar sagrado, / Vendo o Menino em berço argenteado, / O sol vejo nascer desse horizonte.”
 - (D) “Entre as partes do todo a melhor parte / Foi a parte, em que Deus pôs o amor todo, / Se na parte do peito o quis pôr todo, / O peito foi do todo a melhor parte.”
 - (E) “Ó magno serafim [anjo], que a Deus voaste / Com asas de humildade, e paciência, / E absorto já nessa divina essência / Logras o eterno bem, a que aspiraste.”



- 13 Ao caracterizar a poesia de Álvares de Azevedo (1831-1852), escreveu Eugênio Gomes: “Álvares de Azevedo, absorto no pensamento da morte, só se preocupava com o lado noturno: as sombras, o crepúsculo, a noite, os túmulos. [...] Mas, se algumas influências o arrastaram a esse ambiente de noturnidade, congenial às criações do elemento gótico, não fizeram mais que reforçar um estado de espírito anterior e que, sem tais sugestões, haveria de afirmar-se com as mesmas e sombrias tendências.”

(GOMES, Eugênio. Álvares de Azevedo. COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Niterói: UFF, 1986. v. 3, p. 142).

Esse aspecto noturno, aliado ao pessimismo do mal-do-século, está exemplificado no seguinte trecho:

- (A) “Era uma noite: — eu dormia... / E nos meus sonhos revia / As ilusões que sonhei! / E no meu lado senti... / Meu Deus! por que não morri? / Por que no sono acordei?”
- (B) “No céu brilhante do poente em fogo / Com auréola ardente o sol dormia, / Do mar doirado nas vermelhas ondas / Purpúreo se escondia.”
- (C) “Agora que a manhã é fresca e branca / E o campo solitário e o val[e] se arreja [enfeita]... / Ó meu amigo, passeemos juntos / Na várzea que do rio as águas negras / Umedecem fecundas...”
- (D) “Se tu viesses, donzela, / Verias que a vida é bela / No deserto do sertão: / Lá têm mais aroma as flores / E mais amor os amores / Que falam do coração!”
- (E) “A poesia é a luz da mocidade, / O amor é o poema dos sentidos, / A febre dos momentos não dormidos / E o sonhar da ventura...”

- 14 Acerca do romance *Iracema*, escreveu José Aderaldo Castello: “*Iracema* se compõe, desde as primeiras páginas, sob a pressão pungente da nostalgia, do fatalismo e da resignação. [...] Os protagonistas [Iracema e Martim], extirpados do meio da coletividade a que se ligaram ou se ligavam, comungam com a beleza plástica e luminosa da paisagem, dinamizando-a, num diálogo de amor, ternura e aceitação, sussurrado numa linguagem comum, suave, melodiosa.”

(*Iracema* e o indianismo de Alencar. In: ALENCAR, José de. *Iracema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. p. 278).

Essa comunhão entre os protagonistas e a natureza está exemplificada no seguinte excerto:

- (A) “As tribos tabajaras, dalém Ibiapaba, falavam de uma nova raça de guerreiros, alvos como flores de borrasca, e vindos de remota plaga às margens do Mearim. O ancião pensou que fosse um guerreiro semelhante, aquele que pisava os campos nativos.”
- (B) “A raça dos cabelos do sol cada vez ganhava mais a amizade dos tupinambás; crescia o número dos guerreiros brancos, que já tinham levantado na ilha a grande itaoca, para despedir o raio.”
- (C) “Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas.”
- (D) “A grande igara [canoa] corre nas ondas, ao longo da terra que se dilata até às margens do Parnaíba. A lua começava a crescer quando ela deixou as águas do Mearim; ventos contrários a tinham arrastado para os altos mares.”
- (E) “A seta de Poti foi a primeira que partiu, e o chefe dos guaraciabas o primeiro herói que mordeu o pó da terra estrangeira. Rugem os trovões na destra [direita] dos guerreiros brancos; mas os raios que desferem mergulham-se na areia.”



- 15 No conto “Pai contra mãe” (*Relíquias da Casa Velha*, 1905), de Machado de Assis, tem-se um retrato muito vivo do fim da escravidão no Brasil. O narrador do referido texto relaciona a violência aplicada aos escravos às tentativas de fuga destes. O trecho que exemplifica essa atitude do narrador é:
- (A) “A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres.”
 - (B) “Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo.”
 - (C) “Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abrira mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda.”
 - (D) “Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco.”
 - (E) “Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau.”
- 16 Um dos aspectos mais importantes da narrativa “O boto”, texto inserido em *Cenas da vida amazônica* (1886), de José Veríssimo, é a descrição da prática da agricultura de subsistência aliada ao cotidiano doméstico, como ocorre em:
- (A) “Este sítio, como é de regra no Amazonas, tinha um nome de santo, o que, diga-se de caminho, está longe de indicar um profundo sentimento religioso. Chamava-se S. Isidoro este, ignoramos por quê.”
 - (B) “Chegando a Óbidos, Rosinha teve, uma sobre outra, duas sensações diferentes: a alegria que experimenta toda roceira ao ver-se na cidade, e a tristeza do isolamento pela falta dos seus companheiros e da sua liberdade.”
 - (C) “Durante longo tempo, Porfírio não saía dele senão para ir à cidade em tempo de eleições, do júri, ou a uma ou outra festa. Ali Rosinha nascera e crescera à lei da natureza.”
 - (D) “Possuía no entanto, sobre o marido, a superioridade do trabalho. Governava a casa, plantava com ele a maniva, colhia-a e reduzia-a a farinha, dirigia a cozinha em companhia da escrava encarregada de lhes fazer a comida, apanhava o cacau.”
 - (E) “Dois anos tinham de casados quando lhes nasceu aquela filha. Não lhe deram extremos amorosos; ambos a queriam muito, é certo, mas lhes fora indiferente que ela não houvesse nascido.”
- 17 Acerca da sinestesia na poesia simbolista, escreveu Álvaro Gomes: “A fusão de diferentes sensações, as chamadas sinestésias, é um esforço para recuperar a linguagem original, aquela em que a palavra, mais do que simples representação dos objetos, é também um objeto.”
(GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1994. p. 18).
- Um exemplo dessa fusão ocorre em:
- (A) “Porque a dor, esta falta d’harmonia, / Toda a luz desgrenhada que alumia / As almas doidamente, o céu d’agora.”
 - (B) “Muda outra vez: gorjeios, estribilhos / Dum clarim de oiro — o cheiro de junquinhos, / Vívido e agro! — tocando a alvorada...”
 - (C) “O barro que em quimera modelaste / Quebrou-se-te nas mãos. Viça uma flor... / Pões-lhe o dedo, ei-la murcha sobre a haste...”
 - (D) “E sobre nós cai nupcial a neve, / Surda, em triunfo, pétalas, de leve / Juncando o chão, na acrópole de gelos...”
 - (E) “Deixai-me chorar mais e beber mais, / Perseguir doidamente os meus ideais, / E ter fé e sonhar — encher a alma.”



- 18 Sob o heterônimo Álvaro de Campos, Fernando Pessoa (1888-1935), em alguns poemas, voltou-se para o mundo moderno marcado pela mecanização, como se constata nos seguintes versos:
- (A) “À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica / Tenho febre e escrevo. / Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto, / Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.”
 - (B) “Quando olho para mim não me percebo. / Tenho tanto a mania de sentir / Que me extravio às vezes ao sair / Das próprias sensações que eu recebo.”
 - (C) “Estou só, só como ninguém ainda esteve, / Oco dentro de mim, sem depois nem antes. / Parece que passam sem ver-me os instantes, / Mas passam sem que o seu passo seja leve.”
 - (D) “Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu. / Estou hoje dividido entre a lealdade que devo / À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora, / E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.”
 - (E) “Não: não quero nada. / Já disse que não quero nada. / Não me venham com conclusões! / A única conclusão é morrer. / Não me tragam estéticas! / Não me falem em moral!”
- 19 Em “Feliz aniversário”, de Clarice Lispector, recolhido no livro *Laços de família* (1960), o narrador contrapõe a perspectiva dos familiares e a da protagonista que aniversaria. Assinale a alternativa em que se manifesta a perspectiva crítica da protagonista:
- (A) “Tendo Zilda — a filha com quem a aniversariante morava — disposto cadeiras unidas ao longo das paredes, como numa festa em que se vai dançar, a nora de Olaria, depois de cumprimentar com cara fechada aos de casa, aboletou-se numa das cadeiras e emudeceu, a boca em bico, mantendo sua posição de ultrajada.”
 - (B) “E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. [...] Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água de colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado — sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa.”
 - (C) “Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca. [...] — Oitenta e nove anos, sim senhor! disse José, filho mais velho agora que Jonga tinha morrido.”
 - (D) “A velha não se manifestava. [...] Alguns não lhe haviam trazido presente nenhum. Outros trouxeram saboneteira, uma combinação de jérsei, um broche de fantasia, um vasinho de cactos — nada, nada que a dona da casa pudesse aproveitar para si mesma ou para seus filhos, nada que a própria aniversariante pudesse realmente aproveitar constituindo assim uma economia.”
 - (E) “Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh, o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? [...] Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara.”
- 20 A poética de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) é profundamente marcada pela consciência dos limites do tempo humano, como se verifica em:
- (A) “Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos. / Estão paralisados, mas não há desespero, / há calma e frescura na superfície intata.”
 - (B) “As palavras não nascem amarradas, / elas saltam, se beijam, se dissolvem, / no céu livre por vezes um desenho, / são puras, largas, autênticas, indevassáveis.”
 - (C) “Não cantes tua cidade, deixa-a em paz. / O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo das casas. / Não é música ouvida de passagem; rumor do mar nas ruas junto à linha de espuma.”
 - (D) “Poeta do finito e da matéria, / cantor sem piedade, sim, sem frágeis lágrimas, / boca tão seca, mas ardor tão casto.”
 - (E) “Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego. / Uma flor ainda desbotada / ilude a polícia, rompe o asfalto.”



FILOSOFIA

21 “Sócrates – [...] Cria coragem, pois, e responde à minha pergunta: No teu modo de pensar, que é conhecimento?”

Teeteto – Então, a meu parecer, tudo o que se aprende com Teodoro é conhecimento, geometria e as disciplinas que enumerastes há pouco (astronomia, harmonia e cálculo), como também a arte dos sapateiros e dos demais artesãos: todas elas e cada uma em particular nada mais são do que conhecimento.

Sócrates: Mas o que te perguntei, Teeteto, não foi isso: do que há conhecimento, nem quantos conhecimentos particulares pode haver; minha pergunta não visava enumerá-los um por um, o que desejo saber é o que seja o conhecimento em si mesmo”

(PLATÃO, *Teeteto*. Belém/Pará: Ed. da UFFPA, 1973, p.25).

Sócrates considera inapropriada a resposta dada por Teeteto à questão sobre o que é conhecimento porque

- (A) reduz todos os conhecimentos a apenas dois tipos, o das ciências naturais e o das artes, não considerando assim, como conhecimento, o proveniente das ciências humanas.
- (B) a investigação acerca do que é conhecimento envolve questões sobre sua possibilidade, origem e essência.
- (C) não está preocupado em encontrar um saber ‘de que’ ou ‘o saber de alguma coisa’, nem ‘sua quantidade’, mas sim em investigar a natureza do conhecimento.
- (D) perguntar sobre o que é conhecimento, do ponto de vista filosófico, requer que explicitemos de que conhecimento se trata: o das ciências, o das artes ou o da Filosofia, pois cada um desses conhecimentos tem uma natureza distinta.
- (E) concebe o conhecimento como algo transcendente ao sujeito e que não pode ser definido, mas apenas contemplado, visto que faz parte do mundo das ideias.

22 “Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que consegui um repouso assegurado numa pacífica solidão, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade em destruir em geral todas as minhas antigas opiniões. Ora, não será necessário, para alcançar esse desígnio, provar que todas elas são falsas, o que talvez nunca levasse a cabo; mas, uma vez que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de dar créditos às coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis, do que às que nos parecem manifestamente ser falsas, o menor motivo de dúvida que eu nelas encontrar bastará para me levar a rejeitar todas”

(DESCARTES, R. *Meditações metafísicas*, São Paulo: Abril cultural, 1979, p.85)

A dúvida empreendida por Descartes caracteriza-se por

- I Ser engendrada não pela experiência como a dúvida vulgar, mas por uma decisão fundamentada em razões.
- II Duvidar por duvidar sem nenhum objetivo pré-estabelecido.
- III Ser hiperbólica, isto é, sistemática e generalizada.
- IV Tratar como falso o que é apenas duvidoso, como sempre enganador o que alguma vez me enganou.

Estão corretas as alternativas:

- (A) I e II.
- (B) I e III.
- (C) II e IV
- (D) I, III e IV.
- (E) II, III e IV.



- 23 “Em suma, todos os materiais do pensamento são derivados da sensação externa ou interna, e à mente e à vontade compete apenas misturar e compor esses materiais. Ou, para expressar-me em linguagem filosófica, todas as nossas ideias ou percepções mais tênues são cópias de nossas impressões, ou percepções mais vívidas”

(HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. São Paulo, Ed. UNESP, 2004, p. 35/36).

Essa posição defendida por Hume acerca da origem do conhecimento se justifica pelos seguintes argumentos:

- I Há, pois, dois mundos, o sensível e o inteligível. No mundo sensível, temos as percepções mais fracas e, no mundo inteligível, as mais fortes, as verdadeiras ideias que estão em nossos pensamentos.
- II Os conhecimentos que temos das coisas chegam até a nossa mente por duas vias: a sensibilidade e o entendimento. Por meio da sensibilidade, temos as percepções das coisas, mas estas são menos vívidas. É o entendimento, ao pensá-las, que as torna mais vívidas.
- III Ao analisarmos nossos pensamentos ou ideias, sempre verificamos que eles se decompõem em ideias mais simples copiadas de alguma sensação.
- IV Quando um homem não pode, por algum defeito orgânico, experimentar sensações de uma certa espécie, ele é igualmente incapaz de formar as ideias correspondentes.

Estão corretas as alternativas:

- (A) I e II.
- (B) I e IV.
- (C) III e IV
- (D) I, II e III.
- (E) II, III e IV.

- 24 “Com isto se torna manifesto que, durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens [...]. Desta guerra [...] também isto é consequência: que nada pode ser injusto. As noções de bem e de mal, de justiça e injustiça não podem aí ter lugar.”

(HOBBS, T. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Abril cultural, 1979, Livro I, p. 75 e 77).

Para Hobbes, no estado de natureza, caracterizado como um estado de guerra, não há lugar para o bem, o mal, a justiça e a injustiça porque

- (A) os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, não havendo assim lei. E, onde não há lei, não podemos falar de bem, mal, justo e injusto, certo ou errado.
- (B) nesse estado, o “grande Leviatã” comanda as ações humanas apaziguando os conflitos e eliminando a injustiça e o mal.
- (C) muito embora no estado de natureza haja disputa e rivalidade entre os homens, próprias de uma guerra, eles procuram viver em paz e harmonia não sendo necessária a justiça.
- (D) os homens, nesse estado, possuem uma lei maior que é ditada por um soberano e não a questionam nem a definem como justa ou injusta, boa ou má, simplesmente obedecem-na.
- (E) nesse estado, os homens acreditam na justiça e na bondade divina que é absoluta, eterna e infinita e rejeitam as ideias de bem e de justiça humanas que são relativas, limitadas e imperfeitas.



- 25 “Já explicamos suficientemente, então, que a excelência moral é um meio-termo [...] entre duas formas de deficiência moral, uma pressupondo excesso e outra pressupondo falta, e que a excelência moral é assim porque sua característica é visar às situações intermediárias nas emoções e nas ações. Por isso, ser bom não é um intento fácil, pois em tudo não é um intento fácil determinar o meio – por exemplo, determinar o meio de um círculo não é para qualquer pessoa, mas para as que sabem; da mesma forma, todos podem encolerizar-se, pois isto é fácil, ou dar ou gastar dinheiro; mas proceder assim em relação à pessoa certa até o ponto certo, no momento certo, pelo motivo certo e da maneira certa não é para qualquer um, nem é fácil; portanto, agir bem é raro, louvável e nobilitante”

(ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, Livro II, apud Marcondes, Danilo. *Textos básicos de Ética*, Rio de Janeiro, Zahar editora, 2007, p. 43).

Para Aristóteles, a ação correta do ponto de vista ético caracteriza-se pelo(a)

- (A) tendência de querer fazer o bem, mas só devemos praticá-lo quando a pessoa o merece.
- (B) exercício constante da prática do bem. Tarefa difícil, pois exige muito esforço e abnegação do indivíduo.
- (C) conhecimento do bem, que é obtido pelo indivíduo por meio de um longo e lento processo de amadurecimento espiritual.
- (D) cumprimento do dever em absoluta obediência à lei moral.
- (E) equilíbrio ou justa medida, pois deve-se evitar os extremos, tanto o excesso quanto a falta.

- 26 “As leis [científicas] necessárias às explicações dedutivo-nomológicas têm uma característica básica em comum: são, como passaremos a dizer, enunciados de forma universal. Em linhas gerais, um enunciado dessa espécie assevera uma conexão uniforme entre diferentes fenômenos empíricos ou entre diferentes aspectos de um fenômeno empírico. É um enunciado de quê, onde e quando ocorrem condições de uma espécie determinada *F*, então, sempre, e sem exceção, ocorrerão certas condições de outra espécie *G*”.

(HEMPEL, Carl G. *Filosofia da ciência natural*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981, p.73).

De acordo com o texto, podemos concluir que as leis científicas

- I descrevem uma regularidade inerente à natureza.
- II expressam uma relação necessária entre dois eventos.
- III habilitam-nos a prever a ocorrência de novos eventos.
- IV são enunciados frutos de generalizações indutivas.

Estão corretas as alternativas:

- (A) I e II.
- (B) I e IV.
- (C) III e IV.
- (D) I, II e III.
- (E) II, III e IV.

- 27 “Frege vai concentrar-se no problema do significado das sentenças a partir da consideração da relação entre linguagem e realidade. Para isso, estabelece uma distinção fundamental entre o sentido (Sinn) e a referência ou denotação (Bedeutung) [...]. De acordo com essa distinção, temos que a referência é o objeto designado ele próprio, enquanto o sentido é o modo de designar o objeto, ou seja, de determinar a referência, portanto, o modo pelo qual o objeto se apresenta.

(MARCONDES, Danilo. *Filosofia analítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004, p.21)

Considerando a distinção de Frege entre sentido e referência, podemos dizer acerca das expressões “vênus, ‘a estrela da manhã’” e “vênus ‘a estrela da tarde’” que

- (A) possuem o mesmo sentido mas os referentes diferentes.
- (B) têm o mesmo referente, porém diferentes sentidos.
- (C) possuem referente e sentidos iguais.
- (D) o referente e o sentido são diferentes.
- (E) não há sentido, nem referente.



28 “Esta obra é dedicada à estética, quer dizer: à filosofia, à ciência do belo, e, mais precisamente, do belo artístico, pois dela se exclui o belo natural. Para justificar esta exclusão, poderíamos dizer que a toda ciência cabe o direito de se definir como queira; não é, porém, em virtude de uma arbitrária decisão que só o belo artístico é o objeto escolhido pela Filosofia. [...] A definição que propusemos para a nossa ciência nada tem, pois, de arbitrária. O belo produzido pelo espírito é o objeto, a criação do espírito, e toda a criação do espírito é um objeto a que não se pode recusar dignidade.”

(HEGEL, F. *Estética: a ideia e o ideal*. São Paulo: Abril cultural, 1980, p.79/80).

A justificativa apresentada por Hegel para excluir o belo natural de sua Estética tem por base

- (A) a superioridade do belo artístico, enquanto criação do espírito, com relação ao belo natural.
- (B) a ideia de que a beleza criada pela arte é inferior à da natureza e o maior mérito da arte residiria em aproximar suas criações do belo natural.
- (C) uma simples diferença quantitativa ente belo natural e belo artístico.
- (D) a ideia de que o belo natural é passageiro, uma vez que a natureza se transforma e só a obra de arte apresenta uma beleza duradoura.
- (E) a identidade entre belo natural e belo artístico, na medida que o artista se inspira na natureza para criar suas obras de arte.

29 “Em épocas passadas não existia o conceito das ‘belas artes’; todas as artes eram artes de uso. E quando, no passado, os homens julgavam as suas obras de arte, apreciavam-nas pela excelência do seu labor e pela eficácia na consecução dos propósitos para os quais tinham sido criadas. O antigo conceito grego – e romano – é elucidativo porque torna inteligível essa atitude, que predominou durante grande parte da história humana [...]. As artes eram apreciadas exatamente como quaisquer outros produtos da indústria humana – pela sua eficácia na promoção dos objetivos para os quais tinham sido feitas. [...] A arte deles tinha também uma função eminentemente social [...]. Os poetas épicos nacionais eram bíblia e manual no sistema educativo. [...] Acompanhante essencial da poesia, a música tinha presença assegurada em todos os acontecimentos sociais e religiosos, na paz e na guerra, como entretenimento e nas mais sérias atividades da vida do homem.”

(OSBORNE, H. *Estética e teoria da arte*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978, p31/32).

De acordo com o autor, as obras de arte na antiguidade eram consideradas como artefatos fabricados com um propósito. Tal atitude tem como consequência

- (A) uma valorização das forças da criação artística, ou seja, do próprio objeto produzido com intenções estéticas.
- (B) o cultivo da apreciação do belo, uma vez que a arte se fazia presente em todos os momentos da vida do homem.
- (C) a distinção e valorização das artes conforme o seu grau de proximidade com o belo.
- (D) o fato de as artes tornarem-se um produto da indústria cultural e passarem a ser valorizadas pelo seu uso.
- (E) o obscurecimento dos critérios estéticos e a substituição destes pela eficiência técnica de um lado e, de outro, pela apreciação moral ou social dos efeitos.

30 “Os que definiram a Lógica como a ciência das leis do pensamento sustentaram, frequentemente, que existem exatamente três leis fundamentais do pensamento, as quais são necessárias e suficientes para que o pensar se desenvolva de maneira ‘correta’. Essa leis do pensamento receberam, tradicionalmente, os nomes de princípio de identidade, princípio de não-contradição e princípio do terceiro excluído.”

(COPI, I. *Introdução à lógica*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1974, p. 256).

De acordo com o princípio da não-contradição,

- (A) não podemos afirmar e negar uma proposição ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto.
- (B) há uma identificação total entre uma noção e todos os seus caracteres constitutivos.
- (C) um proposição é verdadeira ou falsa; não há outra possibilidade.
- (D) um argumento é válido se a conclusão segue-se, necessariamente, às premissas.
- (E) de duas proposições contraditórias, do ponto de vista formal, podemos obter uma conclusão válida.



HISTÓRIA

- 31 O trecho abaixo analisa a questão do tempo histórico em Fernand Braudel. Leia-o para entender melhor a questão proposta.

“Este livro divide-se em três partes, sendo cada uma por si mesma, uma tentativa de explicação. A primeira põe em questão uma história quase imóvel [...]. Acima dessa história imóvel, uma história lentamente ritmada [...] uma história social, a dos grupos e dos agrupamentos. [...] Terceira parte, enfim, a da história tradicional, [...] a história ocorrencial [...] uma agitação de superfície, as ondas que as marés elevam em seu poderoso movimento”.

(Fernand Braudel. *Escritos sobre a história*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 13-14).

Para Braudel, o tempo histórico estava subdividido em três partes. Contudo, nesta análise temporal, o trabalho histórico devia, obrigatoriamente

- (A) analisar toda a temporalidade tripartida, com ênfase na história do tempo geográfico e quase imóvel, concebendo-a como uma história mais estrutural, que orquestrava em comum diálogo os ritmos das demais temporalidades.
- (B) priorizar a média duração, criticando as duas outras temporalidades, especialmente a curta duração, tomada como “agitação de superfície” e como uma história “tradicional” a ser combatida.
- (C) somar as três temporalidades e priorizar a história do tempo médio ou o social ou dos agrupamentos sociais, fundamentada nas mentalidades e na história cultural do povo.
- (D) pesquisar as três temporalidades em documentos e fontes centradas na história quantitativa, populacional e/ou dos ciclos ou surtos econômicos, fundamentais para a compreensão do tempo curto.
- (E) priorizar a longa duração, já que, por trabalhar a história ocorrencial, analisa em si todos os fatos e suas temporalidades, englobando todas as temáticas das demais temporalidades.

- 32 No trecho abaixo, o historiador inglês Edward Thompson refletiu sobre o problema do tempo histórico no processo de passagem da época pré-industrial para a industrial, na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX:

“[...] nunca houve nenhum tipo isolado de ‘transição’ [do mundo pré-industrial para o industrial]. A ênfase da transição recai sobre toda a cultura: a resistência à mudança e sua aceitação nascem de toda a cultura. Essa cultura expressa os sistemas de poder, as relações de propriedade, as instituições religiosas, etc... [...] O que estamos examinando neste ponto não são apenas mudanças na técnica de manufatura, que exigem maior sincronização de trabalho e maior exatidão nas rotinas do tempo em qualquer sociedade, mas essas mudanças como são experienciadas na sociedade capitalista nascente. Estamos preocupados simultaneamente com a percepção do tempo em seu condicionamento tecnológico e com a medição do tempo como meio de exploração da mão-de-obra”.

(Edward Palmer Thompson. “Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial”. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 288-289).

Para autores como Thompson, o tempo histórico era uma experiência culturalmente vívida. No período em que surgia a nova era industrial e capitalista, a mudança na percepção do tempo significou uma alteração na

- (A) vida cotidiana dos trabalhadores e na dos patrões, já que ambos precisaram se ajustar ao ritmo intenso da indústria artesanal e às expressões religiosas que elas representavam hegemonicamente.
- (B) sincronização temporal entre o ritmo exigido pelo patrão (ritmo acelerado) e aquele idealizado pelos trabalhadores (ritmo lento e marcado por greves e movimentos sindicais organizados).
- (C) relação de poder entre os patrões e o Estado inglês e destes dois com as relações de propriedade e as instituições religiosas. Todos desejavam disciplinar os operários e torná-los escravos.
- (D) amplitude e grau de exploração do trabalho artesanal dos trabalhadores ingleses que perderam parte do controle do processo de produção e tiveram que comprar seus instrumentos de trabalho.
- (E) intensidade da exploração dos trabalhadores e um novo condicionamento cultural/social do tempo, agora movido pelo relógio/ maquinaria e menos pela natureza, artesanato e tradições.



- 33 No prefácio de seu livro sobre Martinho Lutero, assim escreveu o historiador e fundador do *Annales*, Lucien Febvre:

“Uma biografia de Lutero? Uma opinião sobre Lutero nada mais. Traçar a curva de um destino que foi simples, mas trágico; situar com precisão os poucos pontos realmente importantes por onde passou essa curva; mostrar de que maneira, sob a pressão de que circunstâncias, seu impulso inicial teve de esmorecer, e seu traçado original, infletir-se; colocar assim, acerca de um homem de singular vitalidade, esse problema das relações entre o indivíduo e a coletividade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social, que é, talvez, o problema essencial da história: tal foi nosso intuito”.

(Lucien Febvre. *Martinho Lutero: um destino*. São Paulo: Três Estrela, 2012, p. 11).

Lucien Febvre avalia o ofício do historiador segundo alguns conceitos-chaves enunciados na revista dos *Annales*. Neste sentido, estudar a “curva do destino” de Martinho Lutero e seus “poucos pontos realmente importantes” significava, nessa corrente teórica, analisar a

- (A) biografia completa do mesmo autor, criando uma linha cronológica marcada pela “curva de um destino”, que ia desde seu nascimento até sua morte.
- (B) trajetória do mesmo em seus pontos importantes, delimitando aqueles aspectos que entrecruzavam o indivíduo Lutero (e seus anseios e lutas) com as relações sociais e coletivas que ele partilhava ou conflitava.
- (C) vida social (devocional) e religiosa do mesmo, pois Lutero não estava interessado nem no poder político e nem em riquezas, sendo sua vida resumida a estes dois aspectos centrais.
- (D) vida religiosa do mesmo, já que esta resumia muito bem as pressões e circunstâncias e seu impulso inicial de vida, que foi mudando com seu amadurecimento e alteração de personalidade.
- (E) vida “política” deste grande homem, fazendo dele um exemplo para a história da Alemanha e valorização dos momentos de tensão pelos quais passou, os acordos que fez para se tornar um homem adiante de seu tempo.

- 34 Para o historiador François Hartog, as guerras entre os gregos e os persas – as chamadas Guerras Médicas, que eclodiram no século V a. C. – foram responsáveis pelo nascimento da oposição entre a Europa e a Ásia. Ele ressalta que essas guerras:

“...serviram certamente de catalizador para a oposição entre gregos e bárbaros. Ora qual seria, em suma, a diferença essencial entre uns e outros? Os gregos vivem em cidades, os bárbaros não; uns são livres, os outros submetidos a um senhor (...) gregos e bárbaros, querendo dizer o mundo todo –, as Guerras Médicas atribuíram-lhes um significado preciso, dotando o antônimo [dos gregos] de um rosto – o do persa – e conferiram-lhe um território, a Ásia, que ele [povo persa] reivindicava como seu”.

(François Hartog. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: UNB, 2003, p. 101-102).

De acordo com a posição de Hartog e por seus conhecimentos sobre a organização política e social dos antigos povos gregos, é correto afirmar que possuímos hoje uma ideia ocidentalizada – e até europocêntrica de mundo – também em função dos gregos antigos do século V a. C. perceberem seu mundo como uma

- (A) junção de povos e etnias opostas (gregos X bárbaros), mas que se mantinham unidos pelo conceito de Paideia ou de humanidade.
- (B) união de dois povos belicosos e continentais (os gregos e os persas) que se associavam pelo conceito de cristianismo – Humanitas.
- (C) associação de povos inimigos natos (gregos *versus* persas), mas que se reconciliaram dentro do conceito de cristianismo depois da guerra.
- (D) divisão entre povos desenvolvidos (gregos) e povos subdesenvolvidos (os persas), considerados inferiores geográfica e economicamente.
- (E) divisão de povos, em que os gregos detinham a cultura – helenismo – e os outros povos (e os persas em especial) seriam bárbaros.



- 35 O historiador Jacques Le Goff analisou a imensa diferença de significado do conceito de dinheiro entre a nossa época e a medieval. Para esse autor:

“[...] o dinheiro não é personagem de primeiro plano na época medieval, nem do ponto de vista econômico, nem do ponto de vista político, nem do ponto de vista psicológico e ético. [...] A realidade que designaríamos hoje por esse termo ‘dinheiro’ não é essencialmente aquilo que faria a riqueza [na Idade Média [...]]. Se um medievalista japonês pode sustentar que o rico nasceu na Idade Média, coisa que não pode afirmar com segurança, seja como for, o é mais em terras, em homens e em poder do que em dinheiro monetarizado”.

(Jacques Le Goff. *A Idade Média e o dinheiro. Ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 9).

Para autores como Le Goff, durante a Idade Média o que sustentava o poder dos pontos de vista econômico, político, psicológico e ético não seria diretamente o dinheiro, porque este era visto como:

- (A) instrumento importante de sustentação social e monetária, mas que – por ser ponto de discórdia entre senhores feudais e a igreja – era desprezado publicamente e usado apenas de forma ilegal por senhores feudais no pagamento a seus servos da gleba.
- (B) mecanismo central nas transações econômicas do rei, dos príncipes e senhores feudais, porém era proibido de ser manipulado por homens da igreja católica, que o percebiam como fruto de pecado (usura).
- (C) elemento utilizado com moderação nas relações comerciais e políticas mais tradicionais, pois estas eram sustentadas pela economia de troca de gêneros. A Igreja, no limite, via o empréstimo a juros como usura, mas aceitava dinheiro como mecenato, no nascimento dos burgos/burgueses e seus banqueiros.
- (D) personagem de segundo plano, pois as trocas comerciais e políticas geralmente passavam por trocas de produtos, terras ou trabalhadores (servos). Assim, não havia espaço algum para o uso do dinheiro, tomado de forma censurada e pecaminosa pela Igreja Católica.
- (E) mecanismo de obtenção de trabalhadores (compra de servos da gleba). Contudo, o dinheiro não era muito usual, porque esses trabalhadores, uma vez instalados nas terras de seus senhores, não usavam meios monetários, mas apenas faziam trocas de gêneros por gêneros.

- 36 João Pacheco de Oliveira e Carlos Augusto da Rocha Freire identificaram as diferentes formas e usos da força de trabalho de origem indígena no período colonial, sobretudo na Amazônia. Sobre o tema descreveram que

“Os índios dos aldeamentos eram considerados índios de repartição, índios forros. Na Amazônia, havia ‘aldeias de repartição’ que centralizavam índios de diferentes origens, distribuídos para servir não só a missionários como aos colonos e à Coroa portuguesa, ganhando um salário definido na legislação local. Os colonos priorizavam a conquista dos índios escravizados a partir de resgates e guerra justas [...] Índios de resgate ou índios de corda eram índios aprisionados em guerras intertribais e supostamente conduzidos para a aldeia vencedora, onde seriam sacrificados em rituais antropofágicos. Os portugueses ofereciam ‘mercadorias’ para resgatar esses índios e torná-los seus escravos. A Coroa portuguesa aceitava a escravidão dos índios resgatados de guerras tribais, legalizando tal prática. O alvará de 1574 limitou o cativeiro desses índios a dez anos de trabalhos forçados”.

(João Pacheco de Oliveira e Carlos Augusto da Rocha Freire. *A presença indígena na formação do Brasil*. Brasília: MEC, 2006, p. 40).

Pela descrição feita pelos autores e por seus conhecimentos podemos dizer que a força de trabalho indígena no Brasil colonial em geral – e na Amazônia em especial – era capturada e utilizada de maneira diferenciada de acordo com a

- (A) forma de resgate e grau de resistência oferecido pelos indígenas. Quanto maior o índice de guerra tribal, de proximidade com a antropofagia e paganismo, maior a chance de serem escravizados.
- (B) resistência e luta dos povos indígenas. Quanto mais eles guerreavam diretamente com os europeus e resistiam ao processo de captura e de trabalho nas lavouras, mais próximo da escravidão estavam.
- (C) aceitação das regras coloniais – política de assentamento e vida nas missões católicas. Quanto mais ateus e judaizantes fossem os indígenas, mais próximos da escravidão estavam.
- (D) resistência e disputas travadas entre os povos indígenas, os colonos e padres jesuítas. Quanto mais os indígenas ficassem do lado dos padres, mais perto da escravidão estariam.
- (E) necessidade dos colonos. Quanto maior a demanda por mão-de-obra, maiores os investimentos dos moradores portugueses em aprisionamentos e maior a chance de escravização dos indígenas.



- 37 Raymond Williams assim definiu as relações entre o campo e a cidade no processo de industrialização inglês, entre os séculos XVIII e XIX.

“Em 1700, 15% do comércio inglês se dava com as colônias; em 1775, a proporção já subira para um terço. Um sistema colonial organizado e o desenvolvimento de uma economia industrial transformaram a natureza da sociedade britânica, fazendo da Inglaterra uma sociedade urbana, com a agricultura se tornando uma atividade marginal. Nesse processo, em meados do século XIX a economia inglesa não podia mais se alimentada apenas pela produção nacional. O tradicional relacionamento entre a cidade e o campo foi, então, completamente reestruturado em escala internacional”.

(Texto adaptado de Raymond Williams. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 2011, p 458).

Para autores como Williams, a cidade e o campo se reestruturaram na Inglaterra de meados do século XIX, em razão da Revolução Industrial inglesa. O que tornou essa mudança “internacional” e fez a Inglaterra não poder mais alimentar sua população com a produção interna (vinda da sua zona rural) foi o processo inicial do(a)

- (A) aumento no número de imigrantes ingleses que saíam em direção a colônias britânicas. Como o campo na Inglaterra já estava esgotado, eles buscavam mais férteis terras, internacionalizando o campo.
- (B) aceleração no ritmo da produção e da transformação nos meios de produção. A revolução tecnológica revolucionou o campo inglês e levou a Inglaterra a mundializar a sua produção de alimentos.
- (C) política de reorganização do trabalho, que passou a ser feito somente nas cidades (fábricas), deixando o campo deserto de população e de recursos. Homens e muito dinheiro foram realocados para as colônias.
- (D) política dos cercamentos no campo, fim das terras comunais e a migração da população do campo para as cidades. A produção rural caiu e a Inglaterra passou a depender das colônias para se alimentar.
- (E) crescimento no número de nascimentos e diminuição de mortes nas cidades. As condições sanitárias e urbanas melhoraram nas cidades e não no campo. Assim, este perde trabalhadores e os ingleses passam a depender economicamente de suas colônias.



- 38 Observe a capa da revista e responda à questão proposta sobre os anos finais da escravidão e os problemas da monarquia no Brasil.



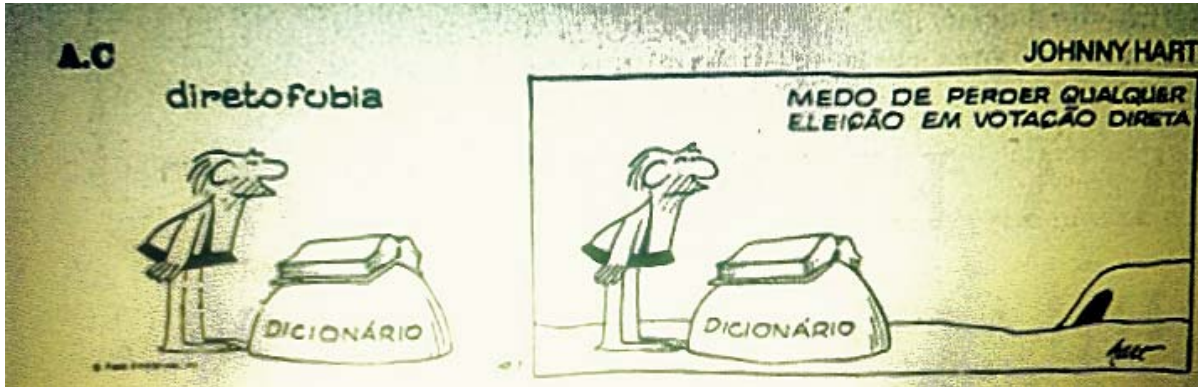
Ângelo Agostini. Entrega de camélias em homenagem à princesa Isabel. *Revista ilustrada*. Rio de Janeiro: 29 de julho de 1888. Capa. Retirada do site da BNDigital.

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pasta=ano%20188&pesq=cam%C3%A9lia>
Acessado em 17/01/2016.

A imagem da capa da *Revista Ilustrada* representa um fenômeno social ocorrido no Brasil imediatamente depois da proclamação da abolição da escravidão (13/05/1888). Esse fenômeno transformou a imagem da princesa Isabel, mas também foi uma das razões para o fim da monarquia, pois, nele, a mesma princesa

- (A) comprometeu-se com a causa dos antigos escravos, decretou-lhes a alforria (Lei Áurea), traçou políticas públicas de inclusão desses africanos e crioulos na indústria e no comércio. Contudo, foi combatida e derrubada por republicanos, proprietários escravocratas e políticos corruptos.
- (B) transformou-se na regente imperial e redentora do Brasil. Os problemas políticos e econômicos posteriores à Lei Áurea foram levados à nova imperadora por diferentes pessoas. Como ela não os conseguiu atender, sua popularidade despencou e a monarquia ruiu.
- (C) uniu-se aos abolicionistas/monarquistas, financiou alforrias e apoiou o Quilombo do Leblon e suas camélias, tornando-se a redentora. Contudo, após 13/05/1888, essa posição gerou inimigos: ex-donos de escravos e abolicionistas republicanos se voltaram contra a monarquia e, em especial, contra a Princesa Isabel.
- (D) tornou-se deputada e séria candidata ao trono Imperial, mas depois da aprovação da lei Áurea foi amplamente combatida por republicanos e abolicionistas de tendência mais radical e socialista.
- (E) tornou-se imperatriz do Brasil e recebeu o título da redentora dos ex-escravos depois da Lei Áurea. Contudo, não conseguiu manter essa popularidade porque rapidamente os ex-escravos perceberam que ela e os políticos não os apoiavam e desejavam a imigração estrangeira.

- 39 Observe os dois quadrinhos abaixo e responda à questão sobre o processo eleitoral no Brasil do período final da ditadura civil-militar de 1964.



Quadrinho de Johnny Hart. *Jornal do Brasil*, 04/01/1984, p. 6. Retirado do site da BNdigital. http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_10&pasta=ano%20198&pesq=nani
Acessado em 19/01/2016.



Quadrinho de Nani. *Jornal do Brasil*, 18/01/1984, p.7. Retirado do site da BNdigital. http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_10&pasta=ano%20198&pesq=nani
Acessado em 19/01/2016.

Os dois quadrinhos acima recuperam um momento chave na história do processo de redemocratização no Brasil contemporâneo. O desejo da maioria do povo brasileiro era o de eleições diretas para Presidente da República já em 1985. Todavia, essa vontade – que levou multidões às ruas – encontrava receios vindos do

- (A) governo, das forças militares e, especialmente, da ala parlamentar que os representavam (PDS). Eles poderiam manter as eleições indiretas e comprometer o processo de redemocratização.
- (B) partido governamental representado pela ARENA. Esta força da época comandava o parlamento e poderia adiar o sonho de eleições diretas para o próximo pleito (diretofobia).
- (C) governo militar, que poderia – na ausência de um parlamento – colocar as baionetas nas ruas, reprimir as manifestações e mandar prender todos os que lutavam por eleições, sobretudo diretas.
- (D) governo militar que – por ter a maioria dos congressistas – não aceitava outra forma de governo e nem de eleições a não ser as indiretas/censitárias, que sustentava o poder dos militares (diretofobia).
- (E) partido de maioria na Câmara, representado pelo MDB, que, aliado às forças governamentais da ARENA, poderia adiar o sonho de eleições diretas para dali a quatro anos.



- 40 Observe as duas charges abaixo e responda à questão sobre a desestruturação do bloco socialista no final do século XX e início do XXI e a emergência de uma nova ordem mundial



"China, Coreia do Norte, Cuba ... e então havia três!". Retirado do site: http://www.hermes-press.com/socialism_failure.htm. Acessado em 11/01/2016.



"Grande muralha: Barato, feito na China, barato, feito na China". Consumidor dos EUA e a indústria dos EUA". Retirado do site: <http://www.capoliticalreview.com/top-stories/us-ca-kill-manufacturing-with-regulations/>. Acessado em 11/01/2016.

A desestruturação do bloco socialista depois de 1989 fez emergir um mundo neoliberal. As duas charges acima demonstram as contradições desse novo mundo, porque ilustram o fim do(a)

- (A) era comunista com a sobra de três nações fracas, e a hegemonia do capitalismo norte americano diante do socialismo chinês, já que a muralha da China impede a chegada de produtos no país comunista.
- (B) sonho socialista, hoje sustentado por três ditaduras (China, Coréia do norte e Cuba) e o surgimento de uma era em que um país dito comunista, a China, cria barreiras e caminha para se tornar o líder do mercado capitalista nos EUA, com a venda de produtos baratos.
- (C) visão romântica do socialismo, com três nações velhas e desgastadas politicamente, mas também o surgimento de uma nação supostamente comunista e renovada economicamente, com modernas técnicas e uso de mão-de-obra e inovações de ponta que barateiam seus produtos.
- (D) hegemonia comunista com apenas três velhas ditaduras ainda existentes, contudo, uma delas – a China – avançou no campo da economia, com a venda de produtos baratos para os EUA e assim manteve o comunismo, a democracia e a igualdade social.
- (E) controle comunista do leste Europeu, com apenas três nações fora deste continente que ainda mantêm esse regime político. Todavia, apesar dessa fraqueza, a China é forte no campo comercial, pois controla a produção mundial de eletrônicos para os EUA e Europa.